

O relógio do mundo: reflexões sobre a percepção do tempo

Carlos Alberto CIORLIN¹

Leonardo Tondato de MELLO¹

Universidade Paulista – Unip, Pós-Graduação em Psicoterapia Junguiana. São Paulo/SP, Brasil.

Resumo

O presente artigo visou discutir a percepção do tempo enquanto experiência psíquica, sobretudo como tal fenômeno processa-se em uma época em que sua vivência e apreensão é cada vez mais fugidia, produzindo a sensação generalizada de escassez e a aceleração progressiva do tempo. Para satisfazer tal proposta, foram construídas reflexões sobre o tema, mediante o diálogo entre a psicologia junguiana e proposições de autores contemporâneos de diferentes campos do saber que versam sobre o mesmo assunto, especialmente a sociologia de Zygmunt Bauman. Conquanto o tempo em si mesmo não passe de uma abstração ou de uma categoria do entendimento, de acordo com alguns teóricos, o que nos importa considerar é sua dimensão arquetípica, tal como fora expresso a partir dos mitos contemplados neste texto, notadamente Cronos, dada sua grande ênfase no mundo contemporâneo. Assim, de uma abordagem que leva em consideração quase que exclusivamente seus aspectos quantitativos, necessário se faz que passemos a dar mais significado aos atos do nosso cotidiano, mesmo aqueles mais simples, de modo que nossa experiência com o tempo seja de qualidade e plenitude. Em síntese, nosso estudo restringiu-se tão somente em propor breves reflexões acerca de como o homem contemporâneo experiencia o tempo e quais são as circunstâncias envolvidas e possivelmente determinantes das alterações perceptuais.

Descritores

psicologia junguiana, percepção de tempo, inconsciente coletivo.

Recebido: 20 ago 2024; 1ª revisão: 04 nov 2024; 2ª revisão: 22 dez 2024; Aprovado: 24 mar 2025; Aprovado para publicação: 22 ago 2025.

Conflito de interesses:

Os autores declaram não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.



The World's Clock: Reflections on the Perception of Time

Abstract

This article aims to discuss the perception of time as a psychic experience, especially how this phenomenon occurs at a time when its experience and apprehension is more and more ephemeral, producing a generalized sensation of scarcity and progressive acceleration of time. To accomplish this plan, reflections were built about this subject, through a dialog between Jungian psychology and propositions from contemporary authors from different fields of knowledge who deal with the same subject, especially Zygmunt Bauman's sociology. Although time itself is nothing more than an abstraction or a category of understanding, according to some theorists, what is important for us to consider is its archetypal dimension, as expressed in the myths covered in this text, notably Cronos, given his great emphasis in the contemporary world. Thus, from a perspective that considers almost exclusively its quantitative aspects, it is necessary that we begin to give more meaning to the acts of our daily lives, even the simplest ones, so that our experience with time is full of quality and completeness. In short, our study was limited to simply proposing brief reflections on how contemporary man experiences time and what are the circumstances involved and possibly determining perceptual changes.

Descriptors

junguian psychology, time perception, collective unconscious.

El reloj mundial: reflexiones sobre la percepción del tiempo

Resumen

Este artículo presenta un debate sobre la percepción del tiempo como experiencia psíquica, especialmente la forma cómo tal fenómeno se procesa en una época en la que su vivencia y aprehensión es cada vez más efímera, produciendo la sensación generalizada de escasez y la aceleración progresiva del tiempo.

Para cumplir esta propuesta se construyeron reflexiones sobre el tema, mediante un diálogo entre la psicología junguiana y proposiciones de autores contemporáneos de diferentes campos del saber que hablan sobre el mismo tema, especialmente la sociología de Zygmunt Bauman. Aunque el tiempo en sí mismo no es más que una abstracción o una categoría de la comprensión, de acuerdo con algunos teóricos, lo que nos importa considerar es su dimensión arquetípica, tal como fuera expresado a partir de los mitos examinados en este texto, en especial Cronos, dada su gran énfasis en el mundo contemporáneo. Así, desde una perspectiva que considera casi exclusivamente sus aspectos cuantitativos, es necesario darles más significado a nuestros actos cotidianos, aún los más simples, de manera que nuestra experiencia del tiempo tenga calidad y plenitud. En síntesis, nuestro estudio se restringe solamente a proponer breves reflexiones acerca de la forma de experimentar el tiempo del hombre contemporáneo y cuáles son las circunstancias involucradas y que posiblemente determinan los cambios de percepción.

Descriptor

psicología junguiana, percepción del tiempo, inconsciente colectivo.

Introdução

O tempo ocupa um lugar de significativo destaque dentre as questões existenciais que inquietaram e ainda assombram o homem. Para os gregos, essa instância é personificada por meio de Cronos, cujas características principais são a rigidez e a intolerância. Crono-Saturno é o deus que devora seus filhos, tendo como motivação perpetuar seu poder (Hollis, 1997).

Entre os critérios utilizados para verificar as condições psíquicas de uma pessoa, temos a sua orientação com relação ao tempo, de modo que uma adequada orientação temporal pode ser considerada indicador de relativa normalidade (Santos, 2010). Concordando com o exposto acima, Fierz (1997, p. 38) afirma que:

É de conhecimento geral que a velocidade na qual o tempo passa nos estados maníacos depressivos é diferente da experiência habitual. Para o melancólico, os minutos parecem se arrastar, as horas parecem uma eternidade. Para o maníaco, os meses passam como horas. Contudo, a experiência subjetiva do tempo, não é necessariamente uniforme.

Nesses termos, o tempo funciona como uma importante referência quando se trata de situar a pessoa em relação às suas experiências. O que acabamos de dizer são questões observadas a partir da psique individual. Não é de menos importância mencionar que alguns aspectos da consciência coletiva influenciam significativamente a consciência individual, visto que esses níveis de consciência funcionam como sistemas complementares.

Explica-se tal asserção a partir da sensação generalizada de aceleração e escassez do tempo. Esse é, sem dúvida, o paradoxo dos dias atuais, uma vez que o desenvolvimento de novas tecnologias e ferramentas permitiu ao homem encurtar o espaço e otimizar o tempo. Entretanto, isto tem-se provado ser uma equação inversa, na medida em que não conseguimos vislumbrar uma real economia em relação ao tempo (Valladão, 2017).

Tendo em vista que um dado fenômeno ou experiência que atravessa a consciência coletiva também é experimentado individualmente, como observado, possuindo um caráter universal, poderíamos dizer que se trata de um fenômeno, cuja base é arquetípica?

De acordo com Jung (1969/2012), os arquétipos são partes constituintes da psique humana, sendo considerados indissociáveis dos processos vitais, adquirindo status de verdadeiros órgãos psíquicos, que se manifestam à consciência por meio de imagens carregadas de significado. Conquanto, não estejam, essencialmente, circunscritos às convenções de espaço e tempo, sendo por isso mesmo, atemporais, sabe-se que os arquétipos atualizam-se continuamente ao aflorarem à consciência.

Essas afirmações são válidas a partir do olhar da psicologia. Do ponto de vista filosófico, porém, duas grandes escolas do pensamento divergem entre si ao conceituar o tempo, enquanto objeto do conhecimento. De um lado temos os racionalistas, que admitem que a única forma possível de se conhecer algo é fundamentalmente pela via da razão, pela lógica. Por outro lado, temos os empiristas, para quem o conhecimento é obtido mediante a experiência, negando a intuição como fonte de acesso a ele (Kant, 1781/2002).

O mérito de Kant, nesse sentido, foi o de tentar conciliar essas principais correntes, disso resultando suas categorias do entendimento (juízos analíticos e sintéticos). Em sua obra "Crítica da razão pura" (1781/2002), Kant esclarece que o tempo não é inerente às coisas e muito menos possui objetividade intrínseca. O tempo, assim como o espaço, para Kant é um ente que faz parte da intuição sensível do ser humano, ou seja, é um constructo a priori, forçosamente inato.

Contextualizando, assim, o pensamento de Jung com a conceituação de Kant (1781/2002) acerca do tempo, podemos inferir um campo de intersecção teórica. O que para o alemão é uma categoria do entendimento, a priori, para o psiquiatra suíço é uma experiência psicológica que encontra suas raízes no substrato mais profundo da psique, ou seja, no inconsciente coletivo (Jung, 1969/2012). Com base na similaridade das proposições desses dois pensadores, propomos a análise do tempo a partir de referências arquetípicas.

Em última instância, tanto para Kant quanto para Jung, o tempo é verdadeiramente uma experiência psicológica? Partindo dessa suposição, podemos pensar na vivência do tempo enquanto parâmetro para avaliar o estado psíquico de um sujeito ou de uma coletividade? Nesse caso, o que caracteriza a distorção perceptual de tais experiências?

Trazendo tais reflexões para o nosso escopo, nos perguntamos: quais seriam as bases arquetípicas da experiência acelerada do tempo em nossos dias atuais. Desse modo, procuramos, neste artigo de reflexão, tentar responder a tais questões, tendo como fundamento as concepções teóricas de Carl Gustav Jung e de diferentes áreas, disciplinas, campos do conhecimento, buscando estabelecer diálogos entre a psicologia, a filosofia e a sociologia, por exemplo.

Metodologia

Segundo o que propomos desenvolver com o presente estudo, podemos dizer que o teor desta pesquisa é de caráter essencialmente qualitativo. Em linhas gerais, a pesquisa qualitativa é predominantemente descritiva, tendo por objetivo uma compreensão mais profunda acerca dos fenômenos investigados, embasada por um referencial teórico congruente.

Nela são considerados elementos que extrapolam o campo de observação comum, a partir de dado recorte de realidade. São levados em conta crenças, hábitos, valores e significados atribuídos a certos eventos (Silva, 2010). Essa abordagem, pelo método indutivo, preocupa-se bem mais com a subjetividade humana do que em construir leis gerais ou sustentar dados estatísticos sobre determinado problema de pesquisa.

Com base nesta pesquisa, constituiu-se uma reflexão teórica interdisciplinar que tem como objetivo central analisar e discutir a percepção do tempo como experiência psíquica.

A liquefação da realidade

Partindo do pressuposto de que o espírito da época influencia em grande medida o comportamento humano vigente, podemos inferir que alguns estados psíquicos, como a ansiedade, estejam relacionados a questões socioculturais e econômicas dos tempos atuais (Valladão, 2017).

De fato, não pretendemos, de nenhuma forma, afirmar que a incidência de um grupo característico de transtornos mentais é subproduto exclusivo de nossa cultura contemporânea, contudo, podemos deduzir que algumas circunstâncias e fatores vieram a contribuir para sua expressão em uma escala sem precedentes.

Nesse sentido, Bauman (2007) indica que a transição daquilo que entende por modernidade sólida para sua fase líquida, trouxe consigo uma série de alterações, produzindo impactos significativos nas mais diversas áreas da vida humana.

O autor afirma que as instituições sociais que conferiam às pessoas confiabilidade, segurança e previsibilidade, por serem dotadas de estruturas sólidas, sofreram gradativamente um processo de liquefação, que passou a promover angústia e incerteza frente a um futuro obscuro (Bauman, 2007).

Podemos observar no pensamento deste sociólogo e filósofo polônes a analogia evidente com conceitos da física, no caso, a mudança de estado físico, pelas transformações sociais contemporâneas que foram objeto de sua investigação científica. Todavia, também podemos identificar em suas reflexões uma outra expressão de importância fundamental, que tem relação direta com um dos aspectos que pretendemos discutir neste artigo, a percepção da aceleração do tempo, enquanto experiência psicológica. Uma vez que o ritmo é uma das expressões do tempo, Bauman (2007, p. 15) assevera:

Incapazes de reduzir o ritmo estonteante da mudança, muito menos prever ou controlar sua direção, nos concentramos nas coisas que podemos, acreditamos poder ou somos assegurados de que podemos influenciar: tentamos calcular e reduzir o risco de que nós, pessoalmente, ou aqueles que nos são mais próximos e queridos no momento, possamos tornar-se vítimas dos incontáveis perigos que o mundo opaco e seu futuro incerto supostamente têm guardado para nós.

Dessa maneira, a experiência do tempo passa a reger a realidade humana, o que destaca sua importância como experiência psíquica.

Cronocracia e ansiedade

A ideia de que o homem possui um grau de autonomia e poder de decisão sobre seu destino quase irrestritos é uma construção recente na história da humanidade. Nas culturas ancestrais, as pessoas relacionavam-se com forças naturais que influenciavam sua ligação com o mundo e consigo mesmas, o que proporcionou ao homem um sentimento de ser parte integrante do cosmos.

O advento da industrialização transformou a percepção do homem sobre o tempo. Se antes as forças da natureza, tanto em seu aspecto objetivo quanto subjetivo, estavam integradas ao cotidiano, a partir do século XVIII, a visão utilitária e cronológica do tempo passou a preponderar. As estações do ano deixaram de regular as relações produtivas e a lógica de mercado aliada ao tempo cronológico passou a coordenar a realidade do homem moderno (Valladão, 2017).

Chegamos a uma situação em que somos, atualmente, dominados e subjugados pelo tempo (Santos, 2010). Isso é muito fácil de se deduzir, uma vez que a maior parte de nossas decisões e ações, inevitavelmente, leva em consideração o tempo cronológico como variável essencial. Tendo em vista que nossa abordagem com o tempo passou a ser quantificada, passamos progressivamente, a nos distanciar de seu aspecto qualitativo. Matos (2009) *apud* Valladão (2017, p. 34) reflete que:

(. . .) em meio à confusão da vida urbana, perdemos a capacidade de dar sentido aos nossos atos cotidianos, passando a viver em função de tarefas alienantes que em nada contribuem para o desenvolvimento do sujeito humano. É notório que, nas últimas décadas, a existência externa ao mundo do trabalho passou a ter profundas semelhanças com as linhas de produção fordista ou taylorista.

Assim, uma das consequências imediatas da transposição dessa lógica utilitarista, que regula as relações de produção, para a vida é o aumento expressivo da ansiedade: passamos a desempenhar um maior número de tarefas simultaneamente em um tempo cada vez mais reduzido. Nossas capacidades, talentos e habilidades estão submetidas ao crivo do tempo, supervalorizando a produtividade em detrimento da qualidade, funcionando como terreno fértil para o cultivo da competitividade, um dos traços característicos do espírito de nossa época (Valladão, 2017).

Refletindo ainda sobre tal espírito de época, Maffesoli (2019, p. 4) comenta que tal como o tempo, vivemos momentos de grandes mudanças: “É essa a ideia hegeliana de *Zeitgeist* , de espírito do tempo ou de atmosfera mental que pode mudar - mais ou menos.

Estamos em um desses momentos de saturação". De acordo com o autor, o conceito de saturação, assim como na química, envolve o colapso de determinada estrutura molecular para, em seguida, processar-se novo arranjo, formando, então, um novo corpo.

A partir da referência teórica da psicologia analítica, podemos pensar o que isso significa para a alma coletiva ou o substrato mais profundo da psique: quais princípios anímicos estão atuando em nossa contemporaneidade? Além de tentar responder a essa questão, paralelamente, pode-se considerar uma proximidade ou diálogo entre a psicologia de Jung e outras fontes do saber, como proposto neste artigo.

Particularmente, tanto a imagem de saturação evocada por Maffesoli (2019) como, principalmente, o conceito de "modernidade líquida", de Bauman (2007), tratam-se somente de operações alquímicas em franca atividade, mais especificamente aquilo que Jung referiu como "*solutio*" (Sales, 2021).

Ansiedade: uma breve contextualização

De acordo com a edição mais recente da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID 11 (World Health Organization [WHO], 2024), o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) é assim definido:

O transtorno de ansiedade generalizada é caracterizado por sintomas marcantes de ansiedade que persistem por pelo menos vários meses, na maioria dos casos, por muitos dias, manifestados por apreensão geral (ou seja, "ansiedade flutuante") ou preocupação excessiva focadas em múltiplos eventos cotidianos, mais frequentemente relacionados à família, saúde, finanças e escola ou trabalho, juntamente com sintomas adicionais como tensão muscular ou inquietação motora, hiperatividade autonômica simpática, experiência subjetiva de nervosismo, dificuldade em manter a concentração, irritabilidade ou distúrbios do sono (tradução nossa).

Nesse sentido, Valladão (2017) destaca que, até meados do século passado, esse transtorno não possuía o *status* de entidade nosológica exclusiva e independente de outras psicopatologias. Assim, na própria literatura, a ansiedade era descrita como parte de um conjunto específico de sintomas, por exemplo, os quadros neuróticos. Jung (1960/2011, p. 68), em sua obra "Psicogênese das doenças mentais, afirma que:

Os estados de afeto destituídos de conteúdo de ideias adequadas, tão comuns nos dementes precoces, também encontram uma analogia com a histeria. Basta lembrar, por exemplo, os estados de ansiedade nas neuroses obsessivas! Via de regra, as ideias desses estados são de tal modo inadequadas, que os próprios doentes reconhecem sua falta de lógica, tachando-as de absurdas, embora pareçam constituir a fonte da ansiedade.

Devemos dizer que tal assertiva refere-se ao momento histórico particular em que Jung ainda mantinha estreita relação conceitual e teórica com a psiquiatria da época, especialmente em suas pesquisas junto a August Forel e Eugen Bleuler, no sanatório cantonal e na clínica psiquiátrica da Universidade de Zurique (Jung, 1960/2011).

Os deuses do tempo

A mitologia de um modo geral nos convida a refletir sobre a temporalidade. Assim, o tempo que visa à normalização, ao encadeamento lógico e, principalmente, à mensuração de nossas experiências com o mundo externo é o lugar em que **Cronos** impera soberano. Essa face do tempo remete ao que Freud (1920/1997, p. 90) designou por “princípio de realidade”. Nesses termos, para a cultura vigente, em especial no Ocidente, submeter-se aos ditames de Cronos significa estar de acordo com determinado quadro de normalidade, ou seja, de integração social e adequação ao “*status quo*”.

Todavia, a experiência vem nos mostrando cada vez mais que o homem moderno tem, precisamente, sofrido de realidade (Valladão, 2017). Segundo o ideário coletivo e de algumas tradições, especialmente as orientais, todo excesso guarda em si uma falta, além de ser prejudicial. Assumir compromissos, organizar nossa rotina, chegar no horário determinado ao local de trabalho, entre outras tarefas quotidianas, são pilares de nossa sociedade.

Disso resulta que existe um grande investimento, tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo, em tais vivências em detrimento de nossa subjetividade, de nossa experiência simbólica e, em última instância, de nossa conexão com o sagrado. Tais circunstâncias, para a psicologia analítica, podem caracterizar a unilateralidade da consciência, ou seja, um emprego energético maciço em uma única direção, desconfigurando todo o sistema psíquico. Esse esvaziamento simbólico produz algumas consequências imediatas, entre elas, a ansiedade (Jung, 1935/2015).

No outro pólo dessa dimensão psíquica temos o tempo de **Aion**, o tempo da eternidade. Para Jung (1951/2008), essa dimensão representa o tempo do *Self*/si mesmo, em que as referências habituais pelas quais pautamos nossas experiências mundanas não fazem tanto sentido.

Stein (2021) afirma que, comparativamente à temporalidade mundana, caracterizada por convenções e regras bem definidas, todas voltadas para a mensuração do deslocamento de objetos no espaço, existiria um tempo que opera a partir de outros referenciais, mais associados ao "sentido" das coisas, possuindo um caráter mais qualitativo do que quantitativo, nesse caso, o tempo kairótico.

Ampliando o espectro de suas reflexões, Stein (2021, p. 50), sugere a interlocução de Cronos e Kairós, pois:

Usamos a palavra "kairós" para indicar um momento especial no tempo: "na plenitude do tempo", diz a frase bíblica. Isso significa que se trata de um momento especial do sentido no "tempo real", quando, de forma repentina e inesperada (para o ego), algo que jazia adormecido no inconsciente (no domínio do psicoide) emerge e torna-se manifesto (destaques no original).

Dessa maneira, podemos inferir que, apesar de se basear em outra dimensão da realidade, mantém estreita relação com ela. Kairós representaria a boa medida ou o caminho do meio, pois, se a realidade (Cronos) nos mantém aprisionados, por outro lado, ao nos entregarmos ao reino de Aion, portanto, da atemporalidade, poderíamos ser tragados pelas forças do inconsciente.

Algo digno de nota é a omissão à grande influência de outro deus, cuja presença e participação em todo esse processo é de importância capital para a compreensão dos fenômenos descritos até aqui: o deus grego Hermes ou Mercúrio, para os romanos.

A princípio, como é sabido, por meio dos estudos alquímicos que Jung desenvolveu, o elemento "mercúrio" (representativo de Hermes) está envolvido em praticamente todos os processos de transformação e transubstanciação da matéria, de modo que Hermes, necessariamente, é o deus que orienta as mudanças no mundo, tanto do ponto de vista material quanto do psíquico.

Psicopatologia e mitologia

Por diversas vezes, dentro de sua construção teórica e prática, podemos vislumbrar a importância fundamental que Jung atribuiu aos mitos, identificando neles expressões de arquétipos, as bases estruturais da psique. Obviamente, expressos a partir de uma

narrativa simbólica, os mitos retratam, na verdade, experiências corriqueiramente humanas. Assim, para von Franz (1990, p. 15), no que diz respeito à mitologia “nós somos o solo dos temas simbólicos — nós, os seres humanos”.

Todavia, esses mesmos mitos e temas simbólicos receberam na atualidade outra roupagem e significados distintos daqueles característicos da antiguidade clássica: os deuses de outrora, cultuados em locais sagrados, são encontrados na clínica contemporânea sob uma infinidade de categorias diagnósticas. Por essa razão, Jung (1967/2016, pp. 55-56) afirma que:

Abandonamos, no entanto, apenas os espectros verbais, não os fatos psíquicos responsáveis pelo nascimento dos deuses. Ainda estamos tão possuídos pelos conteúdos psíquicos autônomos, como se estes fossem deuses. Atualmente eles são chamados: fobias, compulsões, e assim por diante; numa palavra, sintomas neuróticos. Os deuses tomaram-se doenças.

Nesse sentido é interessante dizer que, se, de fato, existe uma relação entre divindades e psicopatologias (Jung, 1967/2016), conforme referido acima, essa equação é no mínimo desproporcional: se os deuses são os mesmos desde tempos imemoriais, então porque a ciência não cessa em produzir e em classificar novas categorias diagnósticas? A resposta a essa questão talvez seja a de entender a ciência como um mito moderno que, necessariamente, cria novos símbolos e novas narrativas?

Trazendo tais questões para o foco da nossa discussão, ou seja, a estreita relação entre mitologia e psicopatologia, pode-se dizer, sob certa medida, que dos três deuses citados na seção anterior, talvez, Cronos seja o que se apresente com maior frequência nas pessoas que buscam os consultórios de psicologia, dada às circunstâncias atuais, como descrito neste artigo, por exemplo, a opressão do tempo por meio de sua escassez, quantificação e percepção de sua aceleração, contribuindo para o surgimento e a manutenção de uma série de transtornos, notadamente os ansiosos (Santos, 2010).

O homem moderno, angustiado pela falta de tempo, não respeitando os ciclos naturais da vida, principalmente aqueles relacionados às etapas essenciais do desenvolvimento, como os denominados “ritos de passagem”, ocasiona uma ruptura importante naquilo que é considerado vital para o ser humano, uma vez que diz respeito ao seu desenvolvimento anímico (Hollis, 1997). Sem dúvida, é aí que reside uma das causas do esvaziamento simbólico ao qual Jung repetidamente faz alusão.

Abordando esse assunto, Hollis (1997) comenta que a extinção de tais ritos significativos em nossa cultura, produz uma espécie de ferida, a mais dolorosa ferida da alma, tendo como consequência uma vida sem profundidade. Todavia, o deus, infalivelmente, cobra o tributo a que tem direito: a foice de Crono-Saturno surge como automutilação, fenômeno típico na adolescência, enfileirando os serviços de saúde mental pelo mundo afora.

Considerações finais sobre as múltiplas faces do tempo

Iniciamos esta seção evocando a célebre frase de Santo Agostinho: “Por conseguinte, o que é o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; porém, se quero explicá-lo a quem me pergunta, então não sei” (Santo Agostinho, 1997, p. 206). Isso, propositalmente, por duas razões: por indicar a insubstancialidade que envolve o tema e também por evidenciar que o saber que a ele se refere talvez não possa ser explicado.

Conquanto, o tempo em si mesmo não passe de uma abstração ou de uma categoria do entendimento, para alguns teóricos, o que nos importa considerar é sua dimensão arquetípica, tal como fora expresso a partir dos mitos contemplados neste texto, notadamente Cronos, dada sua grande ênfase no mundo contemporâneo. Nesse sentido, nosso grande desafio, talvez, seja mudar a forma como nos relacionamos com ele, o tempo.

Assim, de uma abordagem que leva em consideração quase que exclusivamente seus aspectos quantitativos (os valores e meios ligados ao deus Cronos), pensamos ser necessário integrar na nossa experiência os chamados dos outros deuses citados neste estudo. Talvez, consigamos, mesmo que momentaneamente, escaparmos da perseguição implacável de Cronos e acessarmos o tempo aiônico, lugar em que o presente, passado e futuro formam uma única realidade, o *Self*.

Conforme assinala Bauman (2007), esse estado de coisas que experimentamos cotidianamente, caracterizado pelo ritmo frenético de mudanças e transformações contínuas, seria, em tese, o resultado da articulação Cronos e Hermes, que, em combinação, produzem grandes transformações, em termos comportamentais, sociais, econômicos e culturais em um curto espaço de tempo.

Ampliando, ainda, o espectro de nossas reflexões, poderíamos nos atrever a afirmar que a velocidade na qual as informações são, atualmente, produzidas e disseminadas, estaria, de certa forma, relacionada à atuação dessas potências divinas. Porém, com a ressalva de que a grande quantidade de informação produzida - bem como o ritmo que é aplicado em sua veiculação - é sempre acompanhada de evidente superficialidade e obscuridade.

Paradoxalmente, dada a acessibilidade quase que irrestrita a um verdadeiro manancial inesgotável de dados, do ponto de vista cultural, nos tornamos cada vez mais pobres e empobrecidos, pois, de acordo com Albert Camus (2006, p. 98): “Nomear mal as coisas contribui com a miséria deste mundo”. Tendo em vista que a psique é tão somente o interjogo de forças arquetípicas, podemos vislumbrar em todo esse cenário a face sombria dos referidos deuses.

A princípio, limitamo-nos a dizer que esse assunto não se esgota, oferecendo um campo fértil para estudos e pesquisas sobre o tema. Como afirmou Jung, o relógio do mundo é um símbolo do *Self*, que indicava o local do encontro entre o tempo e a eternidade no *Self*, a totalidade. Tal encontro, nesse sentido, seria possível, apenas, a partir de uma atitude integracionista, em que cada deus é contemplado e lhe é dado o tributo a que tem direito.

Em síntese, nosso estudo restringiu-se tão somente em propor breves reflexões acerca de como o homem contemporâneo experiencia o tempo e quais são as circunstâncias envolvidas e determinantes em possíveis alterações perceptuais.

Referências

- Agostinho, S. (1997). *Confissões*. Paulus. (Trabalho original publicado em ca. 397 d.C.).
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Jorge Zahar.
- Camus, A. (2006). *Oeuvres complètes* (Vol. 2, pp. 1671-1682). La Pléiade.
- Fierz, H. K. (1997). *Psiquiatria junguiana*. Paulus. (Trabalho original publicado em 1991).
- Freud, S. (2016). *Além do princípio do prazer*. L&PM Editores. (Trabalho original publicado em 1920).
- Hollis, J. (1997). *Sob a sombra de saturno: a ferida e a cura dos homens*. Paulus.
- Jung, C. G. (2008). *Aion: estudos sobre o simbolismo de si-mesmo*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1951).
- Jung, C. G. (2011). *Psicogênese das doenças mentais: obras completas*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1960).
- Jung, C. G. (2012). *Arquétipos e inconsciente coletivo*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1969).
- Jung, C. G. (2015). *A vida simbólica: escritos diversos*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1935).

- Jung, C. G. (2016). *Estudos alquímicos*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1967).
- Kant, I. (2002). *Crítica da razão pura*. Martin Claret. (Trabalho original publicado em 1781).
- Maffesoli, M. (2019). Carl Gustav Jung e a pós modernidade: da ultrapassagem hegeliana (aufhebung) à integração junguiana. *Pesquisas e práticas psicossociais*, 14(4), e3558. Recuperado em 27 de outubro de 2024, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v14n4/02.pdf>.
- Sales, L. M. S. V. (2021). *Cronos e suas filhas: uma leitura do fenômeno TAG à luz da psicologia complexa* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro]. Repositório Institucional. <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/6557>.
- Santos, K. C. (2010). *Experiências do tempo: reflexões sobre tempo e alma*. [Monografia de especialização, Pontifícia Universidade Católica do Paraná]. Recuperado em 16 de novembro de 2023, de https://symbolon.com.br/wp-content/uploads/2023/07/Experiencias_do_tempo-KarinaCervi.pdf.
- Silva, G. C. R. F. da. (2010). O método científico na Psicologia: abordagem qualitativa e quantitativa. *Psicologia Pt – O portal dos Psicólogos*, 1-10.
- Stein, M. (2021). *Sincronizando tempo e eternidade: ensaios sobre psicologia junguiana*. Pensamento Cultrix.
- Valladão, L. S. (2017). *Ansiedade e contemporaneidade: uma leitura Junguiana* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório Institucional. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19904>.
- Von Franz, M.-L. (1990). *A interpretação dos contos de fada*. Paulus.
- World Health Organization (2024). *ICD-11 for mortality and morbidity statistics*. WHO. Recuperado em 27 de outubro de 2024, de <https://icd.who.int/browse/2024-01/mms/en#1712535455>.

Minicurrículo: Carlos Alberto Ciorlin – Pós-graduação em Psicoterapia Junguiana pela Universidade Paulista – UNIP. Psicólogo. São Paulo/SP, Brasil. E-mail: ciorlin3100@hotmail.com

Leonardo Tondato de Mello – Doutorado em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP; mestrado em Gerontologia Social pela PUC/SP. Candidato a analista pelo Instituto Junguiano de São Paulo – IJUSP/ Associação Junguiana do Brasil – AJB/ *Institute Association of Analytical Psychology* – IAAP. Membro do departamento de Arte e Psicologia Analítica da AJB. Professor do Curso de Pós-graduação em Psicoterapia Junguiana da Universidade Paulista – UNIP. São Paulo/SP, Brasil. E-mail: leo_tondato@live.com